

Editorial

É com muita satisfação que anunciamos o primeiro número do sétimo volume da revista *Temporalidades*, com a qual apresentamos além de uma resenha crítica, uma entrevista e doze artigos livres, o dossiê temático intitulado “Linguagem, artes e política: interseções”, composto por nove trabalhos produzidos pelo corpo discente de diversos cursos de História e áreas afins de quase todas as regiões do Brasil.

Sob a responsabilidade de novo conselho editorial, vinculado ao Departamento de Pós-Graduação em História da UFMG, a *Temporalidades* procura manter a qualidade, a transparência e a isonomia de todo o processo de seleção, ao garantir o anonimato de todos os artigos recebidos quando submetidos aos pareceristas, aos quais desde já deixamos nossos sinceros agradecimentos. É graças ao empenho de muitos que podemos contribuir no desenvolvimento da pesquisa histórica, servindo de intermediários entre autores discentes, pesquisadores e públicos.

A intenção, no decurso do ano de 2015, é de ampliar o legado deixado pelos conselheiros das gestões anteriores e ajudar a consolidar a revista como importante canal de interlocução entre os mais jovens historiadores brasileiros, cada vez mais inseridos no debate internacional. Com efeito, procuraremos expandir os mecanismos que permitem o crescimento e reconhecimento da revista, com o desenvolvimento da comunicação por site e redes sociais, o alargamento das bases de indexação e o aperfeiçoamento técnico da revista.

Ficamos honrados com a presença da professora Adriane Vidal Costa, vinculada ao Departamento de História da UFMG, que apresenta o **dossiê temático** nesse número. Atuando acerca das dimensões culturais do exílio latino-americano e tendo diversas publicações a respeito da interseção entre história e literatura, Adriane Vidal Costa faz parte da renovação historiográfica que entende a vida política na dinâmica e significação do imaginário social.

Abrindo o dossiê, Mariana Albuquerque Gomes, em “A experiência estética da geração simbolista no Brasil finissecular”, problematiza o conceito de Modernidade, compreendido como nova forma de compreensão do mundo nos fins do século XIX, a partir de alguns aspectos da experiência estética do Simbolismo na literatura brasileira, em contato com sua vertente francesa.

No artigo “O conceito de ‘barroco’: entre a arte e a identidade”, Bruce Souza Portes faz, por meio de metodologias próprias da história cultural, uma análise da trajetória do conceito do barroco, relacionando-o aos programas nacionalistas e identitários, desde os finais do século XIX à contemporaneidade.

Marco Antonio Stancik realiza, com “Gloriosa conquista ou cruel destruição? A Grande Guerra (1914-1918)” representada em cartões-postais alemães e franceses”, instigante investigação acerca das representações iconográficas associadas à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), tendo como fontes cartões-postais produzidos e circulados na Alemanha e na França durante a guerra. O autor identifica mensagens verbais e não-verbais nestes cartões, através das quais os imaginários coletivos relativos ao conflito eram divulgados, reafirmados e mesmo construídos.

Com “A revista *A Defesa Nacional*: o autoritarismo, os intelectuais e os militares no governo Vargas (1930-1937)”, Fernanda de Santos Nascimento e Antônio Manoel Elíbio Júnior discutem a influência de ideais conservadores nos circuitos militares brasileiros a partir da crise das democracias liberais europeias, após a Grande Guerra. Para os pesquisadores, ao compartilhar valores autoritários de intelectuais como Alberto Torres e Oliveira Vianna, a revista *A Defesa Nacional*, dirigida por militares, procurou afirmar e difundir, no decurso da década de 1930, a importância do papel do Exército na formulação da identidade brasileira com a educação militar, anticomunista e antiliberal, sem deixar de promover o ideário capitalista.

A dimensão histórica das transformações nos sertões com a modernidade no Brasil da segunda metade do século XX é enriquecida por meio da ficção roseana, de acordo com Danilo Almeida Patrício, em “Corpos que escrevem: vivências e práticas históricas a partir dos lugares textuais em Guimarães Rosa”. História e ficção, através de personagens variados, enredos e linguagens múltiplas, entrelaçam-se na trama de *Corpo de Baile* para enfatizar a complexidade do viver sertanejo ao meio da promessa e do ideal de progresso.

Em “A arte teatral do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, 1961-1964”, Carla Michele Ramos traz à tona o intenso debate travado no interior do CPC-UNE em torno da estética teatral, a partir das diferentes respostas dadas por dois importantes teatrólogos alemães, Erwin Piscator e Bertolt Brecht, a mesma questão: de que forma pode-se obter uma comunicação cênica efetiva com o público? A autora revela como as influências de ambos os autores se alternaram conforme as disposições históricas, podendo ser analisadas nos próprios textos teatrais brasileiros.

Priscilla Perrud Silva nos apresenta a trajetória do artista visual Paulo Menten (1927-2011), que, tendo abandonado o serviço de bancário para se dedicar à carreira artística, buscava sua inserção no meio com participações na IX e X Bienal de São Paulo, realizadas em 1967 e 1969, respectivamente. Com “Entre estratégia e táticas: a inserção de Paulo Menten no campo

das artes em São Paulo em meados dos anos 1960”, Priscilla Silva aborda os aspectos artísticos sem perder de vista a conjuntura sócio-política e cultural durante o regime militar no Brasil.

O artigo “‘É chegada a hora de escrever e cantar, talvez, as derradeiras noites de luar’: Leituras sobre a Corrida Espacial na canção brasileira” da mestre Suelen Maria Marques Dias busca compreender a forma como algumas artistas e compositores brasileiros viram o episódio da Corrida Espacial no século XX. Através das canções, esses artistas narraram o fenômeno à sua maneira e, por meio deles, busca-se compreender a produção artística como fonte histórica.

Em “Letras, suor e cerveja: o literato na prosa de Arthur Engrácio”, Vinicius Alves do Amaral analisa as representações ambíguas do escritor presentes na obra ficcional e não-ficcional. Comentando as representações de escritores e as propostas feitas por Arthur Engrácio a fim de mudar a precariedade do universo artístico de Manaus, o autor procura compreender a inserção do literato no Clube da Madrugada como parte de construção de uma proposta coletiva.

A **entrevista** com Liliana Weinberg, antropóloga, crítica literária e ensaísta, realizada por Adriane Vidal Costa, coloca em questão a relação entre história, literatura e verdade, um dos temas de maior importância na discussão contemporânea. Além de se posicionar frente a um denso debate teórico, Weinberg fala das construções identitárias latino-americanas como um dos eixos centrais na produção literária e de sua repercussão internacional.

Na seção de **artigos livres**, Lucas Montalvão Rabelo aborda, em “Os mapas na Idade Média: representações das concepções religiosas e das influências da Antiguidade Clássica”, não apenas a tradicional função geográfica de um pequeno universo da rica e colorida cartografia medieval, cumprindo também seu papel de historiador ao destrinchar as concepções da Terra e do universo, imergindo nos mais distintos aspectos culturais, sociais e devocionais presentes em alguns destes documentos. O autor acaba por nos revelar desde as mais recônditas particularidades materiais existentes nas entrelinhas cartográficas até aquelas presentes no imaginário do homem do medievo como, por exemplo, a divisão dos três continentes frente à imensidão esférica do globo.

O artigo “O ver e o fazer: os Reis Magos e a análise das imagens na história” da mestranda em História Jacqueline Rodrigues Antonio visa analisar a ideia dos Reis Magos pelo viés da História Cultural, buscando compreender os simbolismos utilizados na sua representação iconográfica. Neste sentido, observa-se elementos como as roupas e as cores, para entender estas obras e sua narrativa, inserindo a imagem como uma fonte histórica de extrema relevância.

Por meio da literatura política da França nos séculos XVI a XVIII, Thiago Rodrigo Nappi, em “Sobre a sociedade de corte na França do Antigo Regime e a constância dos sentimentos de

honra”, analisa o que era a honra para nobreza no Antigo Regime francês e de que maneira aquela configuração social utilizou-se do que entendeu ser a honra para distinguir-se dos demais estratos da sociedade.

Isaac Cassemiro Ribeiro analisa a prática da exogamia familiar enquanto estratégia matrimonial no período compreendido entre os séculos XVIII e XIX, na região da comarca do Rio das Mortes. Com “Bem Casar: Exogamia Familiar e Estratégias Matrimoniais (Comarca do Rio das Mortes - Minas Gerais, séculos XVIII e XIX)”, Ribeiro procura, entre outros aspectos, compreender as variações nos padrões das uniões exogâmicas levadas a cabo pela primeira geração de um grupo familiar recém-chegado à região das Minas, proveniente de Portugal.

Já Camila Imaculada Silveira Lima percorre, em “Abram as cortinas: a mulher representada no teatro da Fortaleza da virada do século XIX para o XX”, os bastidores da cena teatral de Fortaleza na virada do século XIX para o XX a fim de refletir as representações do papel social da mulher presentes em textos dramaturgicos. Para tanto, a autora analisa as comédias de costume *O Dote*, de Arthur Azevedo, e *As doutoras*, de França Júnior, em busca dos significados sociais atribuídos à figura da mulher no contexto dado.

No artigo coletivo “A patrimonialização da produção de louças e porcelanas em Pedreira, São Paulo: um estudo de caso”, André Miranda, Mariana Moreira, Raul Lanari e Rodrigo Freitas discutem o processo de construção e consolidação da prática de fabricação de louças e porcelanas no município paulista de Pedreira e analisam as mudanças observadas na prática cultural ao longo das últimas décadas, com o abandono de alguns aspectos tradicionais e a adoção de métodos industriais, tendo por objetivo atingir novos públicos. Procura-se mostrar como a produção da porcelana, seja ela em escala industrial ou artesanal, contribuiu para a formação de um universo simbólico para a população local.

Philippe Carvalho, em “Os trabalhadores em tempos de coronéis: política e cultura associativa operária no sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna) na década de 1920”, estuda a formação da cultura associativa operária e sua relação com autoridades/intelectuais políticos ao final da Primeira República (década de 1920) no sul da Bahia em um período de fértil associativismo no sul da Bahia, especialmente nas suas duas maiores cidades, Ilhéus e Itabuna. Entre os trabalhadores, várias foram as categorias que inauguraram suas sociedades, entre elas, os estivadores, os caixeiros, os artistas e os operários.

Raimundo Nonato de Castro aborda em seu artigo “Do Carnaval ao social: a caricatura de Andreilino Cotta – 1919-1928” o trabalho do professor, pintor e caricaturista paraense Andreilino Cotta. Considerado um dos maiores expoentes do desenho político na Amazônia, Andreilino

ilustrava os carnavais de Belém e não perdia a oportunidade de relacionar os políticos da época com os personagens mais caricatos dessa festa popular. Outro famoso viés de sua personalidade artística insistia em condenar a realidade urbana de Belém, famosa por seus luxuosos palacetes que contrastavam, a poucos quilômetros, com miseráveis casebres e revelavam uma cidade que era por um lado próspera e, por outro, sem infraestrutura básica.

O artigo de Natália Cristina Granato, intitulado “Crises, polarizações e lutas: notas sobre o processo político que derrubou o governo João Goulart (1961-1964)”, problematiza os fatores que levaram ao rompimento democrático e a instalação da ditadura militar em 1964. Entre eles, a autora destaca o processo de ascensão e reivindicação dos movimentos sociais urbanos e rurais e o acirramento das lutas ideológicas entre os principais partidos políticos surgidos no período pós-1945.

A arte visual do paulista Claudio Tozzi vem à luz de *Temporalidades* através das mãos de Alexandre Pedro de Medeiros, sob o título “A rua vai ao ateliê e vice-versa: arte como resistência em Claudio Tozzi”. Delimitado o período compreendido entre 1964 e 1968 como recorte temporal de estudo, Alexandre problematiza o engajamento político e social de Tozzi em um dos mais conturbados períodos da história brasileira demonstrando, ainda, a habilidade do artista em apropriar-se das imagens que faziam clara referência ao regime e em utilizá-las em suas obras com o minucioso cuidado de subverter seus significados originais na intenção de fazer o público refletir acerca das relações cotidianas daquele tempo.

Em “Fim da História?: uma reflexão sobre as possíveis implicações políticas do regime de historicidade presentista”, Danilo Marques tem como o objetivo a reflexão sobre as possíveis implicações políticas do que o historiador francês François Hartog denominou “regime de historicidade presentista” ao afirmar que, na articulação das categorias metahistóricas de “espaço da experiência” e “horizonte de expectativa”, “ficamos habitando um presente hipertrofiado que tem a pretensão de ser seu próprio horizonte”. O artigo chama a atenção para a necessidade de se repensar o formato da ação política tendo em vista a irrupção de uma ordem do tempo centrada no presente.

A autora Luciane Azevedo Chaves, com seu artigo “‘Não temos nada, nada’: Políticas públicas voltadas aos sertanejos em períodos de estiagem na microrregião de Sobral na década de 1970”, analisa as políticas públicas implementadas pelo Estado durante a década de 1970 na microrregião de Sobral-CE como formas de obter lucros e angariar votos, estabelecendo práticas assistencialistas como mecanismos de dominação sobre os trabalhadores rurais. Para tanto, a autora utilizou os periódicos cearenses *Correio da Semana* e *Correio do Ceará* como fontes principais

para discutir os modos de vida sertanejos na região e a mitificação construída pela imprensa e pelo Estado sobre a mesma microrregião.

Por fim, apresentamos a **resenha** do livro de Michael Löwy, “A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano”, pelo doutorando Glauber Miranda Florindo, que propõe uma análise aprofundada sobre a associação entre o otimismo da vontade e o pessimismo da razão, sem deixar de lado as diferenças fundamentais entre Marx e Weber.

Conselho Editorial